



CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**MARIA ISABELA DA COSTA GUEDES**

**Vidas paralelas, destinos opostos: redenção e rendição  
em *Jane Eyre* e *Tess of the D'Urbervilles***

GUARABIRA-PB  
Setembro de 2013

MARIA ISABELA DA COSTA GUEDES

**Vidas paralelas, destinos opostos: redenção e rendição em  
*Jane Eyre* e *Tess of the D'Urbervilles***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência do grau de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>.Dra. Sueli Meira Liebig

GUARABIRA – PB  
Setembro de 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

G256v Guedes, Maria Isabela da Costa

Vidas paralelas, destinos opostos: redenção e rendição  
em Jane Eyre e Tess of the D'Uberilles / Maria Isabela da  
Costa Guedes. – Guarabira: UEPB, 2013.

19 f.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)  
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sueli Meira Liebig.

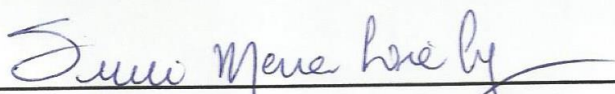
1. Literatura Inglesa 2. Personagens Femininas 3.  
Escrita Feminina I. Título.

22.ed. CDD 370

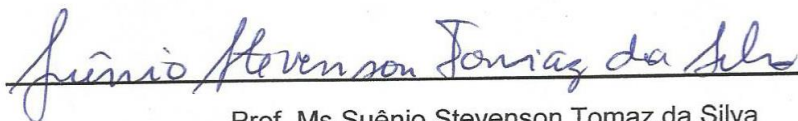
MARIA ISABELA DA COSTA GUEDES

**Vidas paralelas, destinos opostos: redenção e rendição em  
*Jane Eyre* e *Tess of the D'Ubervilles***

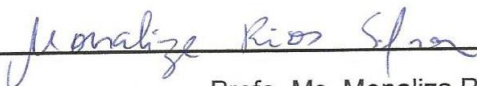
**COMISSÃO EXAMINADORA:**



Profa. Dra. Sueli Meira Liebig (DLE/CH/UEPB)  
(Orientador – Presidente)



Prof. Ms Suênio Stevenson Tomaz da Silva  
(Primeiro membro)



Profa. Ms. Monaliza Rios Silva  
(Segundo membro)

Aprovada em 28 de agosto de 2013

Guarabira - PB  
2013

**Vidas paralelas, destinos opostos: redenção e rendição em  
*Jane Eyre* e *Tess of the D'Urbervilles***

**RESUMO:**

Este trabalho objetiva analisar e expor a vida da mulher na era vitoriana, tendo por base a vida e os destinos opostos das personagens Jane Eyre, de Charlotte Brontë, e Tess of the D'Urbervilles, de Thomas Hardy, ambas contemporâneas de uma época em que a Inglaterra vive um dos momentos mais importantes de sua história, o século XIX. O nosso foco recai sobre o problema da escrita da/sobre a mulher, procurando justificar o desfecho do romance de Hardy pelo viés de gênero: a desdita e a morte da sua personagem estaria ligada ao fato de a obra ter sido escrita por um homem. Para tal fim, utilizamos como suporte as teorias de Beauvoir (1970), Mill (2010), Soares(2009), Castello Branco & Silviano Brandão (1989).

**Palavras-chaves:** personagens femininas, mulher da era Vitoriana, escrita feminina e masculina.

**ABSTRACT:**

This work aims at analyzing and exposing the life of the Victorian woman, taking as parameter the lives and opposite fates of the main female characters Jane Eyre, by Charlotte Brontë, and Tess of the D'Urbervilles, by Thomas Hardy, both contemporary of an epoch in which England undergoes one of her most important moments of her history, the XIX century. Our focus lies over the question of the writing by/about women, trying to justify the epilogue of Hardy's through the issue of gender: his female character's bad luck and eventual death would be linked to the fact that the work was written by a man. To this end, we find support in the theories by Beauvoir (1970), Mill (2010), Soares (2009) and Castello Branco & Silviano Brandão (1989).

**Keywords:** female characters, Victorian woman, writing female and male.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade analisar e expor a vida da mulher na era vitoriana, tendo por base a vida e os destinos opostos das personagens Jane Eyre, de Charlotte Brontë, e Tess of the D'Urbervilles, de Thomas Hardy, ambas contemporâneas de uma época em que a Inglaterra vivia um dos momentos mais importantes de sua história o século XIX, período em que fora governada pela Rainha Vitória (1837 / 1901). Neste período, a sociedade Inglesa assistia ao progresso das ciências, e ao crescimento do comércio que se refletiam em todas as camadas sociais. Era um tempo de transformações e o novo, tão atraente, ao mesmo tempo, sofria uma forte resistência, pois essas novas descobertas e modos de viver ameaçavam o equilíbrio social da época. O lar era instituição sagrada e incorruptível e cabia à mulher mantê-lo, assim com a sua vida e de todos de sua família distante de qualquer ameaça que pudesse por em risco a reputação de seu lar, uma vez que a moralidade social e a harmonia familiar de sua corte era algo que agradava muito à Rainha Vitória.

A mulher vitoriana não sonhava em ser independente ou em realizar grandes feitos para a sociedade, ela sonhava sim, em dar herdeiros a seu marido, e, para isso tinha que se submeter aos desejos deste, independentemente da sua satisfação pessoal, pois o único meio de honrar seu marido seria dando-lhe muitos filhos. O sexo era tabu, não se falava sobre ele, e entre damas este era um assunto que não podia fazer parte das conversas. Bordados, bailes ou costura eram assuntos mais adequados. A religiosidade era outro aspecto primordial para a mulher vitoriana: ler a bíblia, decorar passagens para citar para o marido e filhos por exemplo, era algo essencial. Segundo Monteiro,

Na Inglaterra do século XIX, mais precisamente no período vitoriano, o progresso das ciências e a sofisticação da técnica, com reflexos em todas as camadas sociais, criaram um ambiente propício para o surgimento de um tipo feminino cujo perfil se pode nitidamente traçar. Nessa época, com efeito, o questionamento religioso de par com um processo evolutivo indiferente aos anseios sociais suscitou a necessidade de se buscar um ponto de equilíbrio entre o público e o privado, uma base que refletisse solidez e estabilidade. Esta base, naturalmente, era o lar, e como seu representante elegeu-se alguém com as qualidades de guardião da moral e da castidade. A exigência de um anjo do lar fez nascer a mulher vitoriana. (MONTEIRO, 1996, p.61)

Este era, portanto o panorama social em que estes dois romances foram escritos. A propósito disto, nosso objetivo neste trabalho é estabelecer uma análise comparatista entre as heroínas de Brontë e Hardy, com finalidade de mostrar que embora suas respectivas heroínas tenham histórias de vida paralelas, seus destinos são completamente opostos: enquanto Jane Eyre vive uma espécie de redenção do seu *status* enquanto mulher, Tess experimenta a rendição frente a um sistema patriarcal,

excludente e opressor. O motivo? – Cremos e tentaremos provar que a sorte de tais personagens está diretamente relacionada ao sexo do seu criador, como assegura Angélica Soares,

Quando pensamos no exercício construtor de identidades pelas mulheres nessas sociedades, nos deparamos, sempre, com um processo histórico condicionado pela ideologia patriarcal, hierarquizadora. O discurso masculinista, assentando-se intemporal e universalmente na ideia de uma essência masculina, toma-a como modelo para determinar uma pretensa e deformada identidade feminina. (SOARES,2009, p.24)

No subitem seguinte, iremos tecer algumas considerações sobre Thomas Hardy e Charlotte Brontë, bem como sobre suas respectivas obras, com o intuito de contextualizarmos a análise comparatista do *corpus* que se seguirá.

### **Sobre Brontë e Hardy**

Charlotte Brontë, romancista inglesa nascida em Thornton (1816-1855), Yorkshire, escreveu livros que se caracterizaram por tratarem de mulheres em conflito com seus desejos e sua condição social, marcando o início de uma nova etapa no romance do século XIX. Filha de um pastor metodista e órfã de mãe, teve uma infância triste e reprimida e passou a maior parte da vida no presbitério de Haworth, para onde seu pai foi transferido (1820). Foi educada no colégio de Cowan Bridge, rigorosa instituição vitoriana cujos métodos desumanos de disciplina ela denunciou em *Jane Eyre* (1847), o mais célebre de seus quatro romances. Após transferir-se para uma escola de Roe Head, perto de Huddersfield (1831), construiu uma grande amizade com Ellen Nussey, com a qual se correspondeu até a morte. Morou (1842-1843) em um pensionato em Bruxelas, onde estudou francês e alemão. Voltou a Haworth e, com as irmãs Emily e Anne, publicou o volume *Poems by Currer, Ellis and Acton Bell* (1846). O lançamento de *Jane Eyre* (1847), com um enredo melodramático garantiu-lhe sucesso imediato. De saúde instável, morreu prematuramente, em Haworth, com menos de 40 anos de vida. Seu nome não apenas é referência para a tradição literária inglesa, como também se inscreve na lista de autores canônicos da literatura ocidental.

Thomas Hardy, romancista e poeta inglês, nasceu em Higher Bockhampton, Dorset, em 2 de julho de 1840 e morreu em Max Gate, Dorchester, em 11 de janeiro de 1928. Autor de obras de grande importância, conhecido pelo pessimismo radical que caracteriza os seus romances.

De uma família de classe média, filho de um próspero construtor civil, passou sua infância no campo. Estudou arquitetura e trabalhou na restauração de edifícios antigos, principalmente igrejas, enquanto escrevia poemas que só publicaria no fim da vida, quando se revelou um extraordinário poeta. No seu período de maturidade (1878-



1895), escreveu obras que se tornaram clássicos da literatura inglesa como exemplo de ***Tess of the D'Urbervilles***. Também foi um brilhante contista, que traçou perfis psicológicos antitéticos, portadores e conscientes de seus desejos sexuais e de sua própria opressão pela sociedade. O estilo prosaico e objetivo da sua linguagem, cuja temática voltava-se para a velhice, o amor e a morte, influenciou na reação anti-romântica. Por tudo isso, foi considerado o "último dos grandes vitorianos".

### ***Jane Eyre***

Em *Jane Eyre* (1847), Charlotte Brontë nos mostra a vida de uma jovem orfã de pai e mãe, que vive infeliz na casa da tia onde sofre maus tratos por parte dela e dos primos e após vários confrontos com os mesmos, Jane é enviada para uma rígida instituição de ensino onde vive até formar-se professora. Após deixar a escola onde viveu boa parte de sua juventude, Jane Eyre vai trabalhar como preceptora em Thornfield, neste momento ela conhece Rochester seu patrão por quem se apaixona.

Prestes a casar-se com Rochester, Jane descobre que ele é casado e decide abandoná-lo, após receber uma herança de um tio, tempos depois, ela retorna com o intuito de ter notícias de Rochester e encontra aquele que antes demonstrava características de um homem forte e orgulhoso, agora totalmente dependente dos cuidados de empregados fiéis. *Jane Eyre* decide cuidar do amado e vive momentos de felicidades dedicando-se à ele e aos filhos.

A personagem de Brontë nos mostra uma menina órfã caracterizada pela personalidade forte, determinada, independente e que luta pelo seu espaço na sociedade. Jane tem sua vida marcada pelo sofrimento porém com desfecho realizado e feliz.

### ***Tess of the D'Urbervilles***

No romance *Tess of the U'bervilles: A Pure Woman Faithfully Presented* (1891), Thomas Hardy retrata a vida de uma jovem moça camponesa do séc. XIX, pobre, porém jovem e muito bela, cujo pai, por ambição, tenta aproximá-la de uma abastada família aristocrática com o mesmo sobrenome: The U'bervilles. Acreditando que sejam seus parentes e a fim de conseguir um bom casamento para a filha, os familiares de Tess conseguem arranjar para a moça um emprego da mansão dos "parentes". Na verdade, mais tarde se vem, a saber, que os ricos não são da sua linhagem nobre, eles apenas adotaram este sobrenome depois que fizeram fortuna.

Seduzida por Alec, jovem canalha e arrogante que percebe a sua ingenuidade e beleza, a menina se vê assediada sexualmente e não demora a ser abusada. Do estupro, surge uma gravidez indesejada e ela é abandonada à própria sorte, voltando decepcionada ao vilarejo de onde saíra com esperança de dias melhores. Quando a

criança morre Tess rumo para outra região, a fim de trabalhar para esquecer seu passado, quando conhece o jovem Angel Clare, por quem se apaixona e com quem se casa, não revelando tudo que passara. Quando Angel descobre que Tess já havia tido um filho antes de seu casamento, ele a abandona, embora mais tarde venha a se arrepender. Tess vive um longo drama em sua curta vida: estuprada por um e, casada com outro e repudiada. Após idas e vindas de uma vida errante comete um assassinato e é condenada à morte, pagando pelo pecado do qual fora vítima.

## O papel da mulher na era vitoriana

A era Vitoriana foi uma época de grandes contrastes sociais para a sociedade inglesa. Segundo Mendes, foi uma:

Época de grandes e profundas manifestações, de ordem material e espiritual. Não apenas uma época de expansão política do Império Britânico, mas de progresso real em todos os setores da vida inglesa, inclusive no literário (MENDES, 1983, p. 08).

Com relação a esse período da história inglesa, não poderíamos deixar de citar Charlotte Brontë e sua personagem Jane Eyre, do romance homônimo, que retrata um tipo de mulher pouco característico para a época, que se opõe às regras estabelecidas pelos poderes patriarcais impostos pela rainha Vitória, onde a mulher tinha uma condição de dependência familiar e de inferioridade feminina. Desde cedo as meninas eram moldadas de acordo com a rígida moral vitoriana. Elas eram educadas a serem damas de acordo com os padrões da sociedade, para tornarem-se mulheres puras, dignas de serem as condutoras de um lar perfeito: elas tinham que aprender a ler, escrever, tocar piano, costurar e falar outras línguas. As famílias de posse transformavam suas filhas em mulheres-modelo, a fim de lhes garantir um bom casamento, pois as moças da época não eram possuidoras dos bens de sua família, não cabia, portanto a elas administrá-los. Então, restava-lhes o casamento, e que fosse de preferência com um rapaz de posses e de boa posição social. As moças que não se casavam tinham a herança de sua família destinada ao parente do sexo masculino mais próximo.

Algumas moças, apesar de não possuírem bens, nem tampouco descenderem de famílias ricas, tinham uma boa educação como as das moças da sociedade. No entanto, isto não lhes garantia um bom casamento por não possuírem dotes. Essas moças tinham que trabalhar, pois dificilmente conseguiriam um bom partido como marido que pudesse lhes garantir uma vida digna. Por possuírem aptidões semelhantes aos das donzelas nobres, elas eram destinadas a trabalhar como governantas, uma

espécie de professora particular, que deveria educar as meninas dos seus patrões, ensinar-lhes a se portar diante a sociedade, a costurar, a tocar piano, e a cuidar do lar a fim de se tornarem esposas perfeitas, verdadeiras damas, de acordo com as regras impostas pelo regime vitoriano. Geralmente, as governantas, que desempenhavam por muitas vezes o papel de mãe, eram uma prima distante, filha de um sacerdote ou que fora educada em um convento, como diz Monteiro a respeito da mulher como preceptora:

A principal função da preceptora era dar aos seus pupilos uma orientação moral e social. Por agir dentro de um ambiente refinado, próprio de uma lady, era necessário que a preceptora como substituta da mãe, fosse uma gentlewoman. Em geral ela era filha de pároco ou alguém da própria família, como uma prima ou sobrinha. (MONTEIRO, 1996, p.62)

Dentro deste mesmo contexto encontra-se a personagem Jane Eyre, de Charlotte Brontë, como veremos adiante.

### **A escrita feminina e o ser-no-mundo**

Apesar de no sec. XIX a mulher ser tratada como aquela que deve ter sua atenção, zelo e cuidados dedicados exclusivamente à família, Charlotte Brontë vem com sua escrita feminista se opor à imposição da sociedade vitoriana, que embora governada por uma mulher, mantinha seus costumes patriarcais, onde as regras da sociedade eram rígidas, especialmente para as mulheres, às quais não restavam muitas opções a seguir. Com seus personagens, mais precisamente Jane Eyre, que foi um dos mais impactantes, a autora mostra que a mulher pode ser bem sucedida, não deve obediência, subserviência e nem depende de um bom casamento para se realizar. Em *Jane Eyre*, Brontë nos mostra uma mulher que luta pelo seu espaço na sociedade, que tem sede de justiça desde pequena, e tem personalidade, ou seja, uma mulher que apesar de não ter uma beleza exuberante ou não possuir família ou bens materiais, trabalha, busca independência e bem estar. O que chama a atenção em *Jane Eyre* não é sua beleza, mas seu caráter, coragem e força. Assim se refere o filósofo John Stuart Mill a respeito da Era Vitoriana:

A Era Vitoriana é vista como um período de claro aumento das liberdades pessoais e políticas da sociedade inglesa. Dentre os diversos movimentos que fizeram parte dessa luta por maior liberdade podemos citar o exemplo das feministas, dos cartistas e dos abolicionistas. (MILL, 2010, p.1).

No período entre o final do século XIX e começo do século XX, surgiram não apenas o progresso das ciências e a sofisticação técnica, mas também as grandes transformações revolucionárias nas conquistas femininas, relativamente ligadas ao sexo desta forma um novo perfil de mulher começou a ser lapidado, e o regime patriarcal, antes tão soberano e supremo, passou a ser questionado, como se expressa a respeito Kate Millett:

Mas uma vez que o *status quo* do patriarcado se tem mantido durante tanto tempo e com sucesso universal, nada indicava que ele pudesse evoluir. E, contudo, a situação modificou-se. Ou pelo menos começou a modificar-se — e durante cerca de um século parecia que a organização da sociedade estava prestes a sofrer uma revisão possivelmente mais drástica do que qualquer outra que tivesse já sofrido dentro do período histórico. Durante este tempo, o patriarcado, que constitui a principal forma de governo, foi tão discutido e atacado que parecia condenado a desaparecer. (MILLETT, 1970, p. 9)

Uma revolução sexual findaria com o sistema patriarcal vigente na época e com as qualidades de guardiã do lar, da moral e da castidade tão apoiadas pela Rainha Vitória, e assim daria a mulher uma condição de liberdade, de dona do seu próprio destino, traria independência econômica, familiar e matrimonial, o que gerava um confronto com aquilo que fora estabelecido durante anos à sociedade inglesa, como afirma Kate Millett na passagem a seguir:

Uma revolução sexual acabaria com a instituição patriarcal, abolindo tanto a ideologia da supremacia do macho como a tradição que a perpetua através do papel, condição e temperamento atribuídos a cada um dos dois sexos. Isto permitiria uma integração de subculturas sexuais, uma assimilação de ambos os lados da experiência humana até aqui excluídos da sociedade. Da mesma forma, seria conveniente reexaminar as características definidas como «masculinas» ou «femininas» e reconsiderar o seu valor no aspecto humano: a violência encorajada como manifestação de virilidade e a excessiva passividade definida como característica feminina, inúteis em ambos os sexos; a eficiência e o intelectualismo do temperamento «masculino» e a ternura e a consideração ligadas ao temperamento feminino, recomendáveis a ambos os sexos sem distinção. (MILLETT, 1970, p10)

A mulher necessitava ir a busca de seus direitos tanto tempo vivendo presa, acuada, sem vez, sem voz, sem identidade e sem referência. Ela precisava e tinha o direito de viver em uma sociedade mais igualitária, menos opressora, e aos poucos foi quebrando paradigmas e estereótipos criados de forma preconceituosa em relação às atitudes e deveres tanto da mulher quanto do homem. E pouco a pouco, a figura feminina começou a emergir perante a sociedade, como podemos constatar na fala de Millett:

Por isso, nas três últimas décadas do século XIX, bem como nas três primeiras décadas do século XX, houve uma crescente e intensa liberdade sexual para ambos os sexos; especialmente para a mulher que nunca a tinha tido neste aspecto sem perder a sua reputação social ou sem ter de enfrentar os perigos de gravidez numa sociedade com fortes sanções contra o nascimento ilegítimo. Esta primeira fase conheceu uma certa liberdade sexual e uma certa igualdade graças à luta por um critério único de moralidade (MILLETT, 1970, p.11)

E assim a mulher da Era Vitoriana mostrou que ela poderia ter uma vida digna, sem se render completamente às regras de uma sociedade que, apesar de gerida por uma figura feminina, apoiava plenamente o regime patriarcal. De certa forma, a moral vitoriana pregava a desigualdade para com o sexo feminino, atribuindo à mulher toda a responsabilidade de organizadora do lar, de ser aquela que deveria primar pelo zelo da moral e dos bons costumes, ao mesmo passo em que lhe privava de ter autonomia, de se expressar, de ter uma vida social além das fronteiras de seu próprio lar. Isto propiciou o aparecimento das escritoras, que usaram a literatura para representar o sexo feminino, expressando seus sentimentos de angústia, medo, desejo, alegria e luta, como definem Lúcia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão, em seu livro *A Mulher Escrita*:

Diferença enorme se percebe nos textos femininos, nos quais as fantasias e sonhos se fazem encenar na superfície em que ganham forma, a qual se reveste de novas e inéditas aparências, nem sempre confortáveis; às vezes plenas de um inquietante sentido gerador de novas significações. É no leito onde se tecem as palavras – o texto ficcional – que elas revelam sua potencialidade criadora de novos caminhos, imprevistas soluções, inesperadas veredas. (CASTELLO BRANCO & SILVIANO BRANDÃO, 2004, p. 14).

### **Dignidade, trabalho, redenção e rendição**

*Jane Eyre* e *Tess* são exemplos de como vivem as mulheres na sociedade vitoriana. Suas vidas, apesar de bem parecidas, pois eram contemporâneas de uma época em que grandes transformações ocorreram na sociedade inglesa, inclusive no campo literário, onde surgiram diversas escritoras feministas, que iriam dar às vidas das suas personagens femininas um desfecho mais promissor, como este estudo oportunamente irá mostrar.

As protagonistas dos dois romances viviam no campo, tinham uma vida miserável, cada uma a seu modo, eram moças pobres, porém trabalhadoras e dignas, como qualquer outras moças de família que seguiam o que pregavam os bons costumes e a moral vitoriana. No entanto, apesar da semelhança, suas vidas tiveram destinos opostos, tendo em vista, na nossa concepção, o fato de as duas obras terem sido escritas respectivamente por uma mulher e um homem. Veremos mais adiante que este fato terá implicações diretas no desfecho das duas tramas.

Jane Eyre, mesmo tendo uma vida sofrida, humilhada por seus parentes, abandonada e maltratada, consegue se erguer durante o desenvolver de toda a história, torna-se dona do seu destino, expressa determinação, segurança e coragem desde a infância. É uma menina de personalidade forte, nunca se rendera às injustiças dos primos enquanto vivia na casa de sua tia e mais tarde quando fora viver na escola. Lutava sempre em defesa de suas amigas e em sua própria defesa para livrar-se dos castigos a que eram submetidas ali. Jane é posta à prova por várias vezes em que tem que tomar decisões de mudar ou não de vida, de buscar ou não seus objetivos, e em todas as situações mostra firmeza e abnegação, como por exemplo: quando tem que deixar a escola e trabalhar como preceptora ou quando deixa Whitcross, após saber que Mr. Rochester é casado. Após todos esses desprazeres na vida, Jane triunfa e colhe os frutos recompensadores de todo o sofrimento que tivera quando jovem.

Após receber uma herança deixada por um tio, tem a redenção de sua vida alcançada, mantém o equilíbrio, ergue-se perante a sociedade, e retorna em busca do amor de Mr. Rochester, que agora impossibilitado, dependerá dos seus cuidados. A personagem finda a história alcançando a redenção, mostrando exemplo de mulher que luta, que tem coragem de ir em busca de seu final feliz.

Jane Eyre expõe uma insatisfação da mulher em relação ao regime patriarcal imposto à sociedade da época de modo diferente de Tess, que carrega todas as características da mulher frágil, ingênua, romântica, submissa. Tess retrata uma menina frágil, vítima da ambição de sua família por tentar uni-la a uma família que julgavam ter posses e da perversidade de Alec, seu patrão, que se encanta por sua beleza e, se aproveitando do fato de que Tess pertence a uma família pobre, abusa da sua ingenuidade.

Vítima da incompreensão do marido, que não compreende os motivos pelos quais escondera dele o fato de ter tido um envolvimento com outro homem no passado; e o pior, vítima de si própria, que sofre, se autocondena e se martiriza fugindo, escondendo-se, mentindo sobre sua vida e pagando por um crime que, apesar de ter cometido, conta com diversos atenuantes. Por toda a trama Tess encontra-se sempre à mercê dos homens que tiveram participação em sua vida: seu pai, Alec e Angel, o que nos remete à supremacia masculina imposta pela época, todos estes fatores ligados a uma mulher que mostra um histórico de vida tão sofrido, frágil, impotente e que encaminham a vida da personagem de Hardy a ter um desfecho trágico, rendido ao desprazer de ser julgada, condenada e morta. Em relação à questão da rendição, Castello Branco e Silvano Brandão assim se pronunciam:

É no e do espelho da folha branca do texto que surge esta figura de mulher que circula no imaginário literário e social. Entretanto, a idealização feminina, qualquer que ela seja, sempre cumpre a sentença de morte da mulher. Se ela aceita este lugar, ela aceita a sua petrificação, por mais bela e perfeita que seja a estatua onde ela se erige: aí é o lugar da alienação de seu desejo. (CASTELLO BRANCO & SILVIANO BRANDÃO, 2004, p. 13)

Jane Eyre e Tess nos mostram claramente as condições a que eram submetidas as mulheres na era vitoriana, as dificuldades enfrentadas por meninas pobres lutando pelo direito de existir, de amar e de serem amadas, de ascender socialmente, de livrarem-se da vida injusta que tiveram e de serem vistas como parte de uma sociedade conservadora e desigual. Elas nos mostram, também, em certos pontos das duas narrativas, as conquistas do sexo feminino perante o conservadorismo patriarcal e preconceituoso, como afirma Simone de Beauvoir na passagem que se segue:

As mulheres de nossos dias estão prestes a destruir o mito do "eterno feminino": a donzela ingênua, a virgem profissional, a mulher que valoriza o preço do coquetismo, a caçadora de maridos, a mãe absorvente, a fragilidade erguida como escudo contra a agressão masculina. Elas começam a afirmar sua independência ante o homem; não sem dificuldades e angústias porque, educadas por mulheres num gineceu socialmente admitido, seu destino normal seria o casamento que as transformaria em objeto da supremacia masculina. (DE BEAUVOIR, 1967, p.2)

### **Análise do Corpus**

Faremos aqui, uma análise comparatista das obras *Jane Eyre* e *Tess of the D'ubervilles*. Neste subitem, abordaremos a vida da mulher na sociedade vitoriana, contexto histórico e social em que as protagonistas dos dois romances estão inseridos, e a visão de vida da mulher transmitida por cada um dos autores, pois, apesar das histórias se passarem em um mesmo contexto histórico e social, e de as personagens serem semelhantes em suas características morais e sociais, podemos constatar que elas tiveram vidas opostas e finais trágicos: enquanto uma tem sua vida baseada em sofrimentos e desprazeres, mas durante o desenvolver da narrativa tem sua vida dignificada perante a sociedade, a outra possui o mesmo perfil de vida porém é marginalizada, julgada injustamente e condenada à morte.

Desde o início da narrativa a personagem de Brontë se faz uma menina forte, de personalidade bastante firme. Criança órfã, sozinha no mundo, sem carinho e afeto encontra no lar dos únicos parentes restantes apenas sofrimento e maus tratos. Mesmo assim, Jane não se julga inferior ou submissa a seus primos, sua tia e até mesmo à indiferença dos empregados:

(<sup>1</sup>)I was a discord in Gateshead Hall: I was like nobody there: I had nothing in harmony with Mrs. Reed or her children, or her chosen vassalage. If they did not love me, in fact, as little did I love them. They were not bound to regard with affection a thing that could not sympathize with one amongst them; a heterogeneous thing, opposed to them in temperament. (BRONTË, 1848, pp. 15-16)

---

<sup>1</sup> Eu era discórdia em Gateshead Hall: Eu era como um ninguém lá: eu não tinha nada em comum com a Sra. Reed ou seus filhos, ou sua vassalagem. Se não me amavam, de fato, tão pouco eu os amava. Eles não eram obrigados a considerar com carinho alguém que não podia simpatizar com nenhum deles, alguém diferente, oposta a eles em temperamento.

O discurso de Jane Eyre evidencia uma personalidade marcante, independente, como só outra mulher poderia retratar. Castello Branco e Silviano Brandão nos mostram tal evidencia na passagem a seguir:

A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. Não é sua réplica fiel, como muitas vezes crê o leitor ingênuo. É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, nesse espaço privilegiado que a ficção torna possível. (CASTELLO BRANCO & SILVIANO BRANDÃO, 2004, p.8)

Jane Eyre se revela em seu discurso, de maneira racional e autônoma com que toma as decisões nos momentos mais precisos de sua vida: faz-se uma mulher de personalidade diferenciada em relação às mulheres da sua época. Para exemplificar esta afirmação, mostraremos a fala de Jane quando ela descobre que Mr. Rochester é casado e, por isto, deve manter distância dela, quando mesmo contra o sentimento que tinha por ele, diz com firmeza que deve tratá-lo friamente por ele querer considerá-la como uma qualquer, decidindo que Adele deve ter uma nova preceptora:

(<sup>2</sup>)Sir, I do not wish to act against you,' I said; and my unsteady voice warned me to curtail my sentence. 'Not in your sense of the word, but in mine you are scheming to destroy me. You have as good as said that I am a married man—as a married man you will shun me, keep out of my way: just now you have refused to kiss me. You intend to make yourself a complete stranger to me: to live under this roof only as Adele's governess; if ever I say a friendly word to you, if ever a friendly feeling inclines you again to me, you will say,—'That man had nearly made me his mistress: I must be ice and rock to him;' and ice and rock you will accordingly become.' I cleared and steadied my voice to reply: 'All is changed about me, sir; I must change too—there is no doubt of that; and to avoid fluctuations of feeling, and continual combats with recollections and associations, there is only one way— Adele must have a new governess, sir.' (BRONTË, 1848, p.457).

Após sair de Thornfield a vida de Jane começa a ter seus dias de glória, primeiro com recebimento de uma herança deixada por um tio e depois, pelas notícias que tem de Mr. Rochester. Retorna a Thornfield e encontra seu amado debilitado, cego, na miséria, completamente dependente dos seus cuidados. Jane finda a história vivendo dias felizes ao lado de Mr. Rochester, dedica-se completamente a cuidar do marido, dos filhos e do lar, mas não como uma mulher submissa, oprimida, humilhada, fadada a seguir seu destino de mulher, segundo o estereótipo feminino da época. A imagem de mulher que Jane Eyre torna-se, perante Rochester é de uma mulher forte, que o

---

<sup>2</sup> Senhor, eu não quero agir contra o senhor ", eu disse, e minha voz trêmula me avisou para conter minha sentença. "Não no seu sentido da palavra, mas no meu, você está planejando me destruir. Como você bem disse sou um homem casado, e como um homem casado, você vai fugir de mim, manter-se fora do meu caminho: agora você se recusou a me beijar. Você pretende tornar-se uma completa estranha para mim: vai viver sob este teto apenas como governanta de Adele; se alguma vez eu lhe disser uma palavra amiga, se alguma vez um sentimento amigável a inclinar novamente para mim, você vai dizer: - 'Esse homem quase me fez sua amante: eu devo ser gelo e rocha para com ele ', e assim, gelo e rocha você vai se tornar. "Limpei e firmei a minha voz para responder:" Tudo está mudado em mim, senhor, eu devo mudar também, não há dúvida disto, para evitar oscilações de sentimento, e o contínuo combate das lembranças e associações, só há um caminho: Adele deve ter uma nova governanta, senhor '.



completa, apoia, faz feliz e tem controle sobre suas decisões, como mostra a passagem do texto a seguir:

(<sup>3</sup>)No woman was ever nearer to her mate than I am: ever more absolutely bone of his bone and flesh of his flesh. I know no weariness of my Edward's society: he knows none of mine, any more than we each do of the pulsation of the heart that beats in our separate bosoms; consequently, we are ever together. To be together is for us to be at once as free as in solitude, as gay as in company. We talk, I believe, all day long: to talk to each other is but a more animated and an audible thinking. All my confidence is bestowed on him, all his confidence is devoted to me. Mr. Rochester continued blind the first two years of our union; perhaps it was that circumstance that drew us so very near—that knit us so very close: for I was then his vision, as I am still his right hand. Literally, I was (what he often called me) the apple of his eye. (BRONTË, 1848, p.688)

Em *Jane Eyre* Charlotte Brontë expressa os aspectos de uma revolução sexual que começava a se fortalecer na época, sobretudo na literatura, onde as mulheres buscavam mostrar sua verdadeira face livremente enquanto seres pensantes, fato que preocupava os defensores do patriarcalismo:

A revolução sexual tomou um aspecto verdadeiramente político e começaram a surgir discussões públicas sobre o assunto, e a literatura mostrava uma preocupação obsessiva com as emoções e as experiências que essa revolução poderia provocar. (MILLETT, 1970, p.13)

Desde o início Tess nos mostra indícios de sua submissão, resultado da imagem de mulher relatada por um homem, mulher que se deixa controlar e suas vontades limitam-se a satisfazer os desejos de outros sem questionamento algum. Vejamos um exemplo no discurso da personagem: "Faça o que quiser comigo, mãe." (HARDY, 1994, p. 13). A sua fala, por si só, aparentemente remete à falta de autonomia da personagem. Inserida no contexto do papel da mulher vitoriana, a mãe incentivava a filha a vestir-se bem para trabalhar na casa dos parentes ricos com a intenção de garantir a Tess um bom casamento, e o não questionamento da moça comprova que ela é facilmente controlada, vejamos a seguir:

---

<sup>3</sup> Nenhuma mulher jamais estivera estar cada vez mais perto de seu companheiro do que eu: jamais absolutamente tão osso dos seus ossos e carne de sua carne. Não conheço enfado na minha união com Edward: tampouco ele com a sua união a mim, nada mais do que cada um de nós faz da pulsação do coração que bate em nossos peitos separadamente. Conseqüentemente, estamos sempre juntos. Estarmos juntos é para nós estar tão livres quanto na solidão e tão alegres quanto numa agradável companhia: conversamos, acredito, o dia inteiro: falar um com o outro não é nada mais que um pensamento audível. Toda a minha confiança é depositada nele, toda a sua confiança devotada a mim. O Senhor Rochester continuou cego nos dois primeiros dois anos da nossa união; talvez tenha sido esta circunstância que nos aproximou tanto, que nos uniu de maneira tão apertada: porque eu era então a sua visão, como eu ainda sou sua mão direita. Literalmente, eu era (o que muitas vezes ele me chamou) a menina dos seus olhos.

(<sup>4</sup>)"Very well; I suppose you know best," replied Tess with calm abandonment. And to please her parent the girl put herself quite in Joan's hands, saying serenely--"Do what you like with me, mother." Mrs Durbeyfield was only too delighted at this tractability. First she fetched a great basin, and washed Tess's hair with such thoroughness that when dried and brushed it looked twice as much as at other times. She tied it with a broader pink ribbon than usual. Then she put upon her the white frock that Tess had worn at the club-walking, the airy fulness of which, supplementing her enlarged COIFFURE, imparted to her developing figure an amplitude which belied her age, and might cause her to be estimated as a woman when she was not much more than a child.(HARDY,1994, pp. 31-2)

O calar da voz feminina faz transparecer características do desejo masculino e expressa o protótipo da mulher oitocentista, "gesto alheio que cria espaço onde se aliena a mulher". É o que nos mostram ainda Castello Branco e Silviano Brandão:

O esterno feminino é ilusão de completude, ficção ideal criada pelo horror da castração. Horror que cria o fetiche, corpo fálico do feminino, com as roupagens e o brilho de seu próprio encarceramento. A voz que aí se ouve não é feminina, mas seu simulacro, fina modulação da ilusão que a faz existir. Gesto alheio que cria espaço onde se aliena a mulher, estrangeira de seu desejo, boneca que faz fluir o som da voz de seu ventríloquo. Passageira da voz alheia, na medida em que se cala, calando seu próprio desejo desconhecido. (CASTELLO BRANCO & BRANDÃO, 2004, p.13)

A voz patriarcal é expressa em vários pontos do romance de Hardy e no modo como ele mostra as atitudes de Alec e até mesmo de Angel Clare em relação à figura feminina a eles subordinada, no caso Tess. Com este fato podemos constatar na concepção de Simone de Beauvoir a respeito da postura do homem patriarcal:

Este, por uma verdadeira dialética de senhor e servo, é corroído pela preocupação de se mostrar macho, importante, superior, desperdiça tempo e forcas para temer e seduzir as mulheres, obstinando-se nas mistificações destinadas a manter a mulher acorrentada. (DE BEAUVOIR, 1967, p.2)

Ao invés de mostrar determinação e coragem para findar as angústias que sente, Tess demonstra imparcialidade em buscar sua felicidade, a melhoria de sua vida, e acaba por ser vítima de si, autodegradando-se em virtude do que ocorrera em sua vida no passado. Teve até mesmo que humilhar-se pedindo perdão a Angel por um fato do seu passado quando deveria ter seu apoio. Mais uma vez, fica clara a evidência o patriarcalismo na obra e na personalidade de Tess, indício de uma visão masculina,

---

<sup>4</sup> "Muito bem, eu suponho que você sabe o que é melhor", respondeu Tess com calma para agradar seus pais a menina colocou-se bastante nas mãos de Joan, dizendo serenamente -. "Faça o que quiser comigo, mãe". A senhora Durbeyfield ficou muito encantada com tal tratamento. Primeiro, ela foi buscar uma grande bacia e lavou o cabelo de Tess com tal rigor que, quando secos e escovados parecia o dobro do que em outros momentos. Amarrou-os com uma fita rosa mais larga do que a habitual. Então ela vestiu-a com o vestido branco que Tess havia usado na caminhada ao clube, cuja fluidez, suplantando o seu penteado, impunha a sua figura uma amplitude que mascarava sua idade, o que poderia leva-la a ser confundida como uma mulher, quando ela não era muito mais do que uma criança.

expressando, de certa forma, a opinião do criador na criatura, como podemos ver na passagem seguinte:

(<sup>5</sup>)MY OWN HUSBAND,--Let me call you so-- I must--even if it makes you angry to think of such an unworthy wife as I. I must cry to you in my trouble-- I have no one else! (...) I think I must die if you do not come soon, or tell me to come to you. The punishment you have measured out to me is deserved--I do know that--well deserved--and you are right and just to be angry with me. But, Angel, please, please, not to be just--only a little kind to me, even if I do not deserve it, and come to me! (HARDY,1994, p.428)

Neste impasse, nesta trama de sedução, subordinação, interesse e violência, deparamos-nos com a vida de uma menina simples que se faz mulher, que chama atenção por sua beleza, trabalhadora e romântica, vítima de uma sociedade preconceituosa, intolerante e injusta. Tess é claramente descrita como uma mulher sem autonomia, sem determinação, seus desejos e sentimentos enquanto sexo feminino, são completamente repudiados. O fato de todo o desenvolver e a culminância da narrativa de Hardy o tempo todo apontar para a mulher sempre como a culpada, a subalterna, mostra a influência do patriarcalismo vitoriano, vigente e influente na escrita de autoria masculina.

### Considerações Finais

Este artigo teve por finalidade analisar, discutir e comparar a vida da mulher na sociedade do séc. XIX, período da era vitoriana, tendo por objeto de estudo as protagonistas homônimas dos romances de *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë e *Tess of the D'Urbervilles* de Thomas Hardy. Pretendemos com este estudo comparatista analisar o desfecho que teve cada história, mostrando a distinção entre os destinos das heroínas, que mesmo sendo contemporâneas e possuírem hábitos de vida semelhantes, têm a sua sorte projetada de acordo com as convicções de cada autor, isto é, um homem e uma mulher, que vão tratar essas personagens com as suas visões, respectivamente, feminista e patriarcalista.

A obra *Jane Eyre* escrita por uma mulher, nos transmite a mensagem de que através da dignidade há redenção e esperança para as agruras de vida da protagonista, mesmo o contexto histórico se passando em uma época em que a Inglaterra vivia grandes transformações apesar deste contexto histórico, a sociedade mantinha o seu regime patriarcal, excludente e opressor. Charlotte Brontë nos mostra uma personagem

---

<sup>5</sup> Meu marido, - Deixe-me chamar-lhe assim - mesmo que isso te deixe com raiva ao pensar em quão indigna eu sou de lhe ter desposado. Eu devo gritar para você meu problema - eu não tenho mais ninguém! (...) Eu acho que vou morrer se você não vier logo ou não me disser para ir até você. A punição que você me aplicou é merecida - eu sei que bem merecida - e você está certo em ficar com raiva de mim. Mas, Angel, por favor, por favor, seja apenas - apenas um pouco bom para mim, mesmo que eu não mereça, e venha a mim!

que traduz o sonho feminino de buscar seu espaço, uma mulher com garra, destinação, idealizadora, que busca alternativas para emergir, e existir na sociedade.

Na mesma Inglaterra do período vitoriano se passa a história de Tess, personagem criada por Thomas Hardy, que durante todo o desenvolver do romance expressa a imagem de uma mulher marginalizada, que abdica de tudo que almeja, e que é submissa. Os fatos que ocorrem em sua vida apontam sempre para o sofrimento, a rendição e a condenação da protagonista, expondo uma visão “masculinista”, que marginaliza a mulher, e as diferenças feministas generalizadas submetidas ao sistema social patriarcal, formando assim uma imagem invertida do mundo feminino em relação ao masculino.

## REFERÊNCIAS

AGANINE, Carolina Geaquinto .Três contos de Thomas Hardy [tese] : tradução comentada de cadeias de significantes, hipotipose e dialeto / Carolina Geaquinto Paganine ; orientador, Walter Carlos Costa. – Florianópolis, SC, 2011.

DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: A experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, . 1967

MENDES, Oscar, 1983. “A era Vitoriana” In: Id. *Estética literária inglesa*. São Paulo; Brasília: Itatiaia; INL, (col. Ensaios, v.10) p.8-17.

MILL, John Sturt. “ Na trilha dos pensadores” disponível em

<http://natrihadospensadores.blogspot.com.br/2010/04/john-stuart-mill.html>

Acesso em 05/08/2013

MILLET, Kate. *Política Sexual*. Trad. Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. Lisboa: Dom Quixote, 1970.

MONTEIRO, Maria Conceição. "Figuras Errantes na Época Vitoriana: A Preceptora, a Prostituta e a Louca". Revista *Fragmentos*, V. 8, No 1 , Jul.-Dez., 1998,UFSC.

BRANDÃO,Ruth Silviano. CASTELLO BRANCO, Lucia. *A mulher escrita*. 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Lamparina editora,2004.